

FORÇAS EM LUTA: BACHELARD E NIETZSCHE NA GEOGRAFIA DE ÉRIC DARDEL

Fighting forces: Bachelard and Nietzsche in Éric Dardel's geography

David Emanuel Madeira Davim*
Eduardo José Marandola Junior**

*Universidade Estadual de Campinas - Unicamp / Campinas, São Paulo
davidavim@hotmail.com

**Universidade Estadual de Campinas - Unicamp / Campinas, São Paulo
eduardo.marandola@fca.unicamp.br

RESUMO

Desde a publicação, em 2011, da tradução de *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica, escrita pelo geógrafo francês Éric Dardel, o livro recebeu uma rápida difusão na comunidade geográfica. Uma das mais excitantes questões abertas para investigação é a multiplicidade de influências filosóficas que compõe a geografia dardeliana. O argumento defendido neste texto é que sua geografia fenomenológico-existencial, reconhecidamente de inspiração heideggeriana, também sofreu fortes influências da fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard. Além disso, sustenta-se que o princípio das “forças em luta”, o qual caracteriza o dinamismo da realidade geográfica de Dardel, advém de noções fundamentais da filosofia de Friedrich W. Nietzsche, via Bachelard. No esforço interpretativo expresso neste trabalho, o encontro entre Dardel e Nietzsche se estabeleceu, indiretamente, via os sentidos de terra e de vontade de potência. O objetivo deste artigo é perseguir essas pistas e nexos, buscando enriquecer as leituras contemporâneas e as aberturas oferecidas pela geografia dardeliana.

Palavras-chave: Geografia dardeliana. Fenomenologia da imaginação. Vontade de potência. Epistemologia da geografia.

ABSTRACT

Since the publication of the Portuguese translation of *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica, by French geographer Éric Dardel, in 2011, the book has had a rapid diffusion among the geographical community. The multiple philosophical influences that make up Dardelian geography is one of the most exciting issues opened for investigation. Although his work is recognized as of Heideggerian inspiration, we argue that his phenomenological-existential geography also suffered strong influences of Bachelard's phenomenology of imagination. Furthermore, we also defend that the principle of “fighting forces”, which characterizes the dynamism of Dardel's geographic reality, stems from fundamental notions of Friedrich W. Nietzsche's philosophy, via Bachelard. In the interpretative effort expressed in this work, the encounter between Dardel and Nietzsche has been established, indirectly, through the senses of earth and the will to power. The purpose of this paper is to pursue these clues and links, seeking to enrich the contemporary readings and openings offered by Dardelian geography.

Keywords: Dardelian geography. Phenomenology of imagination. Will to power. Epistemology of Geography.

1. O HOMEM E A TERRA: UMA FILOSOFIA DA GEOGRAFIA

Na atual cena geográfica brasileira, há um importante esforço por aprofundar as bases da proposta humanista e fenomenológica. Um dos movimentos centrais dessa busca é realizar uma arqueologia de sentidos e ideias fundamentais, em suas principais fontes e autores, adensando os fundamentos filosóficos de uma geografia pensada nessas bases. Dentre as referências mais influentes

para essa busca, destacamos o célebre trabalho *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica, do geógrafo francês Éric Dardel, originalmente publicado em 1952 e tardiamente traduzido para o português, em 2011. Pelo fato de ser um escrito de extrema riqueza e densidade, essa relevante obra carece de minuciosas escavações de seus fundamentos¹.

O livro possui uma escrita em estilo filosófico, justamente por não se tratar de um manuscrito sobre epistemologia em geografia, ou que poderia ser considerado da lavra da ciência geográfica (em sua forma acadêmica). Como bem apontou o filósofo Giuseppe Semarari, a obra pode ser mais bem compreendida como uma contribuição original de uma “filosofia da geografia” (SEMERARI, 1986, p. 89). Sua própria publicação já remete a tal condição, haja vista ter sido o número 52 da *Nouvelle Encyclopédie Philosophique* (publicado, coincidentemente, em 1952), dirigida por Émile Bréhier, coleção que também contou com obras de Gaston Bachelard (“O novo espírito científico”), Jean Paul Sartre (“A imaginação”) e Henri Lefebvre (“O materialismo dialético”), além da outra obra do próprio Dardel (um dos poucos autores com mais de um volume – “História: ciência do concreto”).

Muitas das evidências, já encontradas na obra em questão, apontam fundamentos partilhados com inúmeros poetas, geógrafos e filósofos, a exemplo de Hölderlin, Novalis, Heidegger, Merleau-Ponty, Lévinas e Vidal de La Blache (LEVY, 1986; RACINE, 1986; BESSE, 1988; 2011; BERQUE, 2009; HOLZER, 2011; MARANDOLA JR., 2012; DAL GALLO, 2015; DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015a, 2015b; LIMA, 2018). Até o brasileiro Josué de Castro, com sua célebre “Geografia da fome”, está entre as referências do geógrafo (DARDEL, 2011, p. 32, 88, 93).

Uma dessas influências, no entanto, parece ter-se entrelaçado, de modo discreto, junto ao gênio criativo do autor, em meio aos interstícios de *O Homem e a Terra*. Consiste em um entrelaçamento que aponta uma natureza cosmológica, a qual Dardel não se ateu (nessa obra) em explicitar diretamente, muito menos esclarecer. O fundamento de que tratamos se refere às origens filosóficas da sentença “forças em luta”, imagem e ideia que se faz presente, ao longo da interpretação dardeliana sobre a natureza da realidade geográfica. A ideia de forças, em Dardel, corresponde, em nossa interpretação, a uma rítmica (dinâmica) da terra em copertencimento junto ao humano, movimento este responsável pelos fundamentos e transformações no mundo, o qual coincide com o semear filosófico posto pelo pensador (prussiano) Friedrich W. Nietzsche.

Durante a fase de consolidação de seu pensamento, Nietzsche procurou decifrar o sentido de um cosmo orgânico que pulsa por meio de uma verdadeira guerra de múltiplos impulsos, ou melhor, vontades de potência (NIETZSCHE, 2009, 2011, 2012). Essas vontades destroem e reconstroem eternamente o ente em sua totalidade, constituindo, na visão do filósofo, a efetividade do mundo concreto. Nessa perspectiva, cada elemento que compõe a realidade é dotado de uma multiplicidade de forças impelidas por consequência de sua própria dinâmica.

Em nosso entendimento, esse potencial diálogo filosófico entre Nietzsche e Dardel se deu por uma série de canais (a exemplo das influências de Heidegger), todavia, destacaremos neste artigo o acesso do geógrafo à obra do filósofo Gaston Bachelard, citado diretamente em *O Homem e a Terra*. Este último dedicou, em alguns de seus principais escritos, reflexões diretas sobre a compreensão de Nietzsche a respeito de certos temas, como vontade, combate entre as forças, natureza da relação entre realidade e valor e o caráter dinâmico da imaginação material. O nosso escrito, portanto, tenciona abrir mais um campo de escavação, no sentido de uma genealogia das ideias, encarregado de contribuir para a compreensão das bases filosóficas que constituem a geografia fenomenológico-existencial de *O Homem e a Terra*. Em nossa interpretação, a filosofia nietzschiana manteve encontros significativos com a geografia de Dardel. O decifrar de tais enigmáticos encontros abre possibilidades de novas sendas epistemológicas para tal campo de estudos. Há dois primeiros desafios para se levar em conta as possíveis aproximações ou influências do pensamento bachelardiano na obra de Dardel. O primeiro diz respeito a uma aparente obviedade de tal relação e o segundo se refere à proeminência do papel de Heidegger, na obra.

Sobre o primeiro, considerar que Bachelard é importante na construção de *O Homem e a Terra* não causa grande surpresa. O próprio estilo poético de Dardel remete à obra poética de

Bachelard, além de seus escritos sobre os elementos, os quais são facilmente identificáveis com os espaços dardelianos (aéreo, telúrico, aquático e construído). Além disso, essa relação já está pontuada por estudiosos da geografia humanista, como Bertrand Lévy (1986), Lúcia Helena Gratão (2002) ou Werther Holzer (2011), embora não tenha sido explorada de forma sistemática por eles.

A proeminência da presença de Heidegger, em *O Homem e a Terra*, se deve, de um lado, à explicitação do seu pensamento em momentos importantes do livro e ao papel de Dardel como reconhecido germanista, participando da difusão do pensamento alemão na França (CHOLLIER; WADDELL, 2014), sobretudo o pensamento existencialista (DARDEL, 2014); de outro lado, à importância que o próprio filósofo tem na construção da geografia fenomenológica, nos últimos 20 anos. Alguns dos autores que contribuíram para a difusão do pensamento de Dardel, no momento mais recente, destacaram os aspectos ligados a Heidegger, tanto no Brasil quanto na retomada de seu pensamento, na França. Todavia, seria diminuir a amplitude do pensamento de Dardel considerar Heidegger com tamanha proeminência, em sua geopoética e geograficidade. Na realidade, a riqueza de *O homem e a terra* está muito além de Heidegger, o que outros trabalhos recentes também têm mostrado, como no caso da importância de Lévinas para alguns conceitos-chave de Dardel, como lugar, por exemplo (LIMA, 2018). Por isso, é necessário ler Dardel para além de Heidegger, o que não significa, contudo, ignorar o papel de seu pensamento nessa trama complexa que constitui as páginas de sua obra.

Em vista disso, este artigo explora primeiramente a influência direta e explícita de Bachelard, sobretudo no que tange à imaginação material e seu papel na compreensão da dinâmica da geograficidade em Dardel, mostrando, a seguir, a forma como Nietzsche está presente nessas formulações dardelianas, via Bachelard, culminando com os elementos que consistiriam na influência de Nietzsche na geografia fenomenológico-existencial de Dardel.

Para realizar tal investigação, no entanto, é necessário ir além das citações diretas e explícitas dos autores. Procuramos ao mesmo tempo uma escavação, no sentido genealógico, combinada com o exercício de intertextualidade hermenêutica, buscando compreender, na construção epistemológica, a presença, de forma entrelaçada, de Nietzsche e Bachelard na geografia proposta por Dardel.

Se, por vezes, o texto do geógrafo não revela explicitamente suas referências fundantes, mantendo-as no fundo, tal exercício permite desvelar algumas destas, para que possamos potencializar as aberturas que essa geografia coloca em vigor, ou seja: não se trata de um movimento de dissecação do pensamento, mas de abertura para outras possibilidades de fazer e de pensar a geografia.

2. DARDEL E BACHELARD: A IMAGINAÇÃO MATERIAL E DINÂMICA DA GEOGRAFICIDADE

O geógrafo Éric Dardel (1899-1967) e o filósofo Gaston Bachelard (1884-1962) foram contemporâneos. Embora não haja evidências de que tenham compartilhado círculos de amigos ou trocas intelectuais diretas, tiveram múltiplas influências em comum, sobretudo pelos interesses nos mitos, na estética, na hermenêutica, na fenomenologia e no existencialismo.

Entretanto, a mais notável e imediata aproximação que se manifesta, ao se debruçar nos dois autores, é a apresentação textual, ou seja, o modo como buscam revelar suas ideias, por meio da escrita. O uso de imagens poéticas se fez um procedimento comum, na estratégia literária dos autores tratados, assim como a confirmação de seus pensamentos via o paralelo com imagens poéticas de outros autores (sobretudo poetas, literatos e filósofos). Na lista de escritores citados, tanto pelo geógrafo quanto pelo filósofo, encontramos o emprego mútuo de fragmentos poéticos pertencentes a Hölderlin, Shelley, Novalis, Michelet, Baudelaire, Nietzsche, Rimbaud, entre outros.

A poética também está presente na filosofia de Heidegger, e é muito provável que seu uso fenomenológico e existencial tenha inspirado igualmente a geografia poética de Dardel, como apontado por Dal Gallo e Marandola Jr. (2015a). A palavra (o nomear poético), para Heidegger

(2009a), tem o peso do ato da proposição sobre a verdade do Ser, o qual eclode na circunstância de sua revelação, isto é, no ato de desencobrimento junto à terra. Esse desencobrimento só acontece na relação circunstancial entre homens (co-ser-aí; ser-um-com-o-outro) e mundo circundante (ser-junto-a; o ente em sua totalidade). A verdade, por sua vez, traz consigo algo diferente ao sentido tradicional de fixação, constância, imutabilidade da categoria. Conforme Heidegger (2009a), a verdade, mesmo que aponte para as essências, também traz consigo o signo da deviniência, quer dizer, sempre está sendo (sendo construída, criada, fundada), se dando ao desvelamento e à anunciação de múltiplas formas e perspectivas. Nesse pensar, se a verdade é circunstancial em sua proposição, ela nunca se manterá cristalizada em um único sentido e conceito. Já a palavra que nomeia o Ser, ou seja, a proposição que mostra a essência e a verdade, apenas pode ser concebida em meio ao ato artístico, isto é, um exercício de criação poética.

A arte, para Heidegger (2009b), é a própria presentificação da verdade, ou melhor, a possibilidade de interpretação e anunciação do Ser desvelado. Porém, a forma de escrita e as imagens poéticas da filosofia heideggeriana não influenciaram exclusivamente, e de forma absoluta, a inspiração poético-literária de Dardel, que se faz nítida, sobretudo, no embate entre terra e mundo, claro e escuro, assim como na noção de habitar, que serviram ao geógrafo como suporte filosófico. Em nossa visão, seria Bachelard uma expressiva referência poética, tanto quanto a própria influência heideggeriana. Uma inspiração a qual Dardel evidenciou em seu texto e imagens poéticas.

Outro aspecto do estilo de escrita está no forte componente intertextual presente nos autores. Sobre Bachelard, Sant'Ana (2016) afirma que o texto nele inspirado implica a inclusão do leitor no processo da escrita, de um lado, mas, sobretudo do leitor voraz que o próprio filósofo era. O resultado é um texto de leituras compartilhadas entre poética, epistemologia, imaginação e razão. A intertextualidade tem papel-chave, segundo Sant'Anna, pois Bachelard pressupunha esse leitor incluído, o qual não lida com um texto fechado, mas que participa ativamente e de forma autônoma da compreensão, por meio da leitura e de sua própria trajetória como leitor, permitindo-lhe uma experiência de criação poética pela própria leitura intertextual.

Dardel parece adotar, em algumas partes de sua obra, esse mesmo recurso, embora em menor grau, lançando mão de imagens poéticas que não se dão como representação. A necessidade do leitor incluído adensa o texto e o dota de uma multiplicidade de possibilidades de leitura. A intertextualidade e o esforço compreensivo, em um trabalho como o que nos propomos, se torna potencialmente mais labiríntico e, por isso mesmo, mais preme em possibilidades e aberturas.

Essa forma de escrita, fortemente inspirada em procedimentos imagéticos, funda aquilo que o filósofo francês denomina, em sua obra, fenomenologia da imaginação. Assim como em Bachelard, o que lemos em Dardel não é apenas um estilo que recorre a imagens poéticas, porém, como aponta Levy (1986), a escrita de Dardel aposta na imaginação da matéria, expressa tanto na linguagem escolhida quanto em sua ideia de imaginação geográfica. Para Levy, os principais livros bachelardianos a influenciar Dardel seriam *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso* (BACHELARD, 1991, 2001) – os dois citados diretamente na obra –, nos quais o filósofo erige sua imaginação material e linguística, constituída como um dos fundamentos não somente para o estilo, mas, principalmente, da própria filosofia geográfica dardeliana.

O projeto epistemológico bachelardiano, compreendido em sua totalidade (incluindo a chamada obra epistemológica e poética, ou estética), tinha entre seus pilares o combate às limitações de toda ordem do pensamento (a famosa filosofia do não) e buscava uma forma de articular filosofia e poesia pela ciência (CESAR, 1989; FELICIO, 1994). Para tal empreendimento, o filósofo, seguindo a senda aberta por Husserl, dissocia percepção de imaginação, considerando a primeira como associada à experiência imediata sensível e a segunda como um ato criador, ligado diretamente à imaginação e a outra ação intencional (CAPALBO, 1995).

Essa imaginação, portanto, não se refere a uma fenomenologia existencial, conforme nos lembra Cesar (1989, p. 51), todavia, a uma fenomenologia da imaginação, de “promoção de ser” (grifo da autora). Voltado para o futuro (para o devir), Bachelard busca nos quatro elementos (água,

ar, fogo e terra) potências criadoras que, ao mesmo tempo, remetam a uma primitividade que aspira a uma universalidade (FELICIO, 1994), sem se constituir em um jogo que depende de memória e representação para ser significado (CAPALBO, 1995). A escrita de Bachelard, por conseguinte, ao recorrer aos poetas e à própria poesia, não almeja a escavação de sentidos pré-constituídos ou culturalmente significados: o que lhe interessa é a potência criadora de tais imagens que são compreendidas nelas mesmas, ou seja, em sua própria manifestação (BACHELARD, 2009): esse é o sentido de sua fenomenologia.

Gratão (2002, 2010), no esforço de construção de uma geografia à luz de Bachelard, explora tanto sua dimensão telúrica quanto essa dimensão imaginativa, reconhecendo assim em Dardel uma projeção bachelardiana: a imaginação material como imaginação geográfica, centrada quer na terra, quer nos seus elementos (com uma ênfase na água, tema de muitas das investigações de Gratão). Desse modo a autora ressalta não somente o primitivismo presente na meditação dardeliana sobre a geografia, como também o direito de sonhar como a possibilidade de uma geografia vivida em ato devaneante (GRATÃO, 2016), seja como experiência geográfica, seja como possibilidade de pesquisa, muito na trilha de *O Homem e a Terra*.

Assim, embora Dardel não assuma uma topoanálise ou uma ritmoanálise, como Bachelard o faz, a primitividade dos elementos e a sua força imaginante opera na sua forma de exposição dos espaços telúrico, aéreo, aquático e construído (o fogo), não apenas pela estrutura, mas pela adoção da força da imaginação e das imagens poéticas como devir e criação. Isso foi importante para uma obra que não se remeteu aos sentidos de geografia constituídos historicamente, mas procurou a projeção de outras possibilidades de se pensar e, por que não, de imaginar a geografia.

O resultado é uma geografia que não se estabelece por mensuração ou descrição mecânica e quantitativa dos acontecimentos, muito menos via a abstração racionalista e causal de um espaço receptáculo ou um plano isotrópico cartesiano. De acordo com Dardel (2011), a geografia que realmente conhece o mundo é aquela atenta à ambivalência existente entre o real e o imaginário, fundamentando a relação de cumplicidade e conflito entre homem e terra.

Na compreensão de Dardel (2011), a terra, além de dimensão concreta da natureza ou corpo físico, é viva, dotada de subsistência e potência própria, e assim se faz base de toda a vida, existência, conhecimento e lugar. No entendimento do geógrafo, a terra, além de potência autoconstitutiva, estabelece-se igualmente enquanto lugar do advento do próprio homem, lançando-o sobre si mesmo em parentesco, fusão afetiva e vital com a terra. Por esses princípios, a geografia dardeliana aponta que a realidade geográfica, em seu fundamento (em sua acepção heideggeriana), ocorre em uma relação existencial entre terra e homem. Tal relação pode ser compreendida pela força imagética e dinâmica de um combate, o qual, além de suas consequências materiais, destrutivas e construtivas, se instaura no campo dos sentidos, imaginação e do pensamento, ou seja, na apresentação, decifração e criação imaginativa do valor e da linguagem, conforme lemos na seguinte passagem:

Ligação direta do homem com o mundo, a *cor* ligada ao movimento e à substância nos permite “*ver*” imediatamente o desabrochar das flores, a maturidade dos frutos, a aridez do deserto, a dureza do granito. O transbordamento das coisas para fora delas mesmas, *ao nosso encontro*, nos outorgam parte do próprio ritmo do mundo, das *forças em luta*. [...] A realidade geográfica vem assim *ressoar* em nós. [...] Movimento, *combate*, acontecimento, todo esse dinamismo deixa-se *adivinhar* no espaço concreto da Terra (DARDEL, 2011, p. 39, grifo nosso).

Em sua obra, Dardel (2011) afirma que a terra possui a virtude de dizer (uma voz ou língua), isto é, uma espécie de texto, cujo vocabulário o homem é capaz de reconhecer, interpretar, traduzir e até mesmo corresponder. O dizer-da-terra, ou o apelo identificado por Dardel, está na própria materialidade do mundo, nos fenômenos e na congregação de seus elementos geográficos, os quais acabam por constituir a paisagem, dimensão correspondente à virtude expressiva da terra, (o entorno onde se insere e se exerce a existência do homem). Nessa espécie distinta de comunicação, a terra,

por meio das forças e qualidades que caracterizam sua matéria e dinâmica, evoca o homem para os seus apelos:

A terra como realidade telúrica *não é estática*. Nós falamos, a propósito da superfície continental, de *movimentos*, de ondulações do solo, do terreno acidentado, *tormentoso*, deslocado. É como se a *feição* da Terra *respondesse a nossa mobilidade inquieta*² que espera que o mundo se anime, se mova, se dobre sobre os nossos olhos. [...] A ocasião oferece frequentemente uma *oportunidade de apreendermos* ao vivo essa mobilidade substancial do espaço telúrico: quando o vento faz a duna fumar, quando a torrente escava o flanco das terras, quando as vagas atacam as falésias, nos deslizamentos de lama e nos cones de dejeção (DARDEL, 2011, p. 18-19, grifo nosso).

[...] A geografia é, segundo a etimologia, a “*descrição*” da Terra; mais rigorosamente o termo grego sugere que a Terra é um *texto a decifrar* [...]. O conhecimento geográfico tem por objetivo *esclarecer esses signos*, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante dos olhos, é um *apelo* que vem do solo, da onda, da floresta, *uma oportunidade ou uma recusa*³, um poder, uma presença [...] (DARDEL, 2011, p. 2, grifo nosso).

O resultado dessa afetação é a convocatória do homem para uma espécie de luta, conflito (o combate terra-homem) que, a princípio, se dá pela construção de sentidos referentes à relação do humano com a terra, mas que também se desdobra no ato de construir e habitar a própria realidade geográfica. Em sua fenomenologia da imaginação, Bachelard (1991) compartilha pensamentos muito próximos à geografia existencial de Dardel. Para o filósofo, a matéria, por meio das qualidades expressas em imagens, nos solicita a agir e fazer uso do real, ou, como preferiria Dardel (2011), nos faz um apelo ao combate e ao jogo:

O *jogo* alternado do visível e do oculto, a subida, a superfície das camadas profundas, o telurismo *em ação* se manifestando em todas as formas de vulcanismo. Telurismo *virulento* dos fenômenos em ação, ainda visível nos maciços extintos (DARDEL, 2011, p. 18-19, grifo nosso).

O trabalho do homem consiste, ao construir o templo, em *retirar* da pedra metal, da costa a noite de seu torpor, de sua obscuridade original, sem nunca chegar a subtraí-los inteiramente da Terra, que está na sombra⁴ e os dissimula. O homem está em *combate incessante*, é o dia que dá as coisas um *sentido*, uma grandeza, um afastamento, fazendo emergir um mundo, é a noite, da Terra, fundo escuro a que retorna a obra humana, quando, abandonada, volta a ser pedra, madeira e metal (DARDEL, 2011, p. 42, grifo nosso).

Segundo Bachelard (1991), certas características substanciais, como a distância, a resistência, a maleabilidade, o dinamismo, a ascensão, entre outras, desafiam, repelem ou encorajam nossas vontades e mãos para o trabalho direto sobre o mundo, para o agir contra e com a terra (algo que se assemelha à formulação heideggeriana do embate Terra-mundo e luz-sombra (HEIDEGGER, 2009b)).

Tanto em Bachelard quanto em Dardel, as qualidades substanciais e dinâmicas da matéria são subdivididas em grandes grupos poéticos e imagéticos, associados aos quatro elementos da substância, a saber: fogo (espaço construído pelo homem - o luminoso), terra (espaço rochoso ou telúrico), água (espaço líquido) e ar (espaço aéreo), assim como na alquimia e na filosofia clássica de cunho aristotélico. Já em Dardel (2011), esses quatro elementos nos sinalizam os quatro grandes

vocabulários da Terra, o que em Bachelard se revela como as quatro grandes leis da imaginação material e dinâmica. Tais imagens poéticas de caráter substancial são predominantes na forma escrita de Dardel e Bachelard, a ponto de sustentar a proposta anunciativa desses autores.

Para Bachelard (2003), a imagem, assim como a palavra, é pensada como algo passível de comunicado, tendo por seus principais movimentos sua ressonância e repercussão. A repercussão é o surgimento ou explosão singular da potência de uma imagem, a partir de uma determinada fonte estimulada. Por sua vez, a ressonância da imagem é a propagação múltipla de sua força que estimula a repercussão de outras imagens. Esse movimento, composto por ressonância e repercussão, deve ser concebido como um jogo comunicativo de natureza cíclica e complementar. Não cabe aqui interpretar o jogo de maneira fragmentária, onde cada elemento se faz recluso em si mesmo, independente. Mas há uma cumplicidade, uma ciranda de encaixes interdependentes, pois a repercussão surge dos estímulos da ressonância e vice-versa.

Na geografia de Dardel (2011), assim como na fenomenologia da imaginação de Bachelard, terra e homem travam um verdadeiro embate comunicativo de potências, uma batalha de repercussões e ressonâncias. Nessas forças em luta, a terra, ou seja, o lugar do advento do homem, do desvelamento e emergência do Ser, emite impulsos imagéticos de suas paisagens e, em função delas, desafia o homem, quer a senti-las, quer a desvendá-las. Esse homem, atento aos apelos da terra, se coloca no desafio de conhecer a paisagem geográfica, com base em tal compreensão e, por meio de sua vontade e imaginação, recriá-la (deformá-la), repercutindo assim uma nova (outra) paisagem, espaço e mundo. A recriação da imagem pode se consolidar tanto em ação de trabalho (a exploração, o uso e o construir junto à realidade), quanto em ação poética, ou seja, a ideia que nos apresenta o Ser e o seu revelar em palavra, nome e valor.

Por outro lado, apesar das semelhanças, Dardel e Bachelard apontam princípios diferenciados, a exemplo daquilo que o filósofo francês reconhece como a *primitividade da imagem*. Para ambos os estudiosos, a efetividade concreta (a terra), sem uma contribuição pensante, inteligível, imaginativa ou laboral (artística) do homem (a qual surge no pulsar de sua alma), é apenas peso, coisa, matéria descritiva sem sentido, dimensão indefinida e desumana.

Segundo Dardel (2011), a paisagem só ganha sentido geográfico, se a mesma, a partir da percepção, sofrer valoração antropogênica, isto é, se a paisagem real for decifrada e tingida pela recordação, pelo pensar, em outros termos, pela coloração afetiva e imaginativa do humano. Tal valoração acaba repercutindo como uma exigência humanista para a geograficidade dardeliana. Decerto, essa perspectiva também se encontra em Heidegger (2009a), o qual, mesmo reconhecendo a condição subsistente de ser da terra, a mesma não se mostra (se autodesvela), se desprende das sombras enquanto verdade, palavra proferida e conhecimento, sem a atuação desencobridora do ser-*aí (Dasein)* que se abre ao humano e habita no mesmo.

Na proposta fenomenológica de Dardel (2011), a primitividade (o nascimento originário) da imagem opera na dimensão da experiência sensível, do vivido, pois a percepção imanente é o ponto de partida e o fio condutor indispensável à imaginação. Ambas trabalham juntas, no ato de decifrar e criar a imagem geográfica, assim como na fundamentação de sua respectiva linguagem. Já para Bachelard (1991), a primitividade da imagem é de natureza onírica, porque sua realidade é, fundamentalmente, de origem psíquica e depende mais da imaginação do que da percepção.

No metapsiquismo de Bachelard (1991), a imagem, antes mesmo de sua recriação, já encontra o seu arquétipo fundamental em repouso nas profundezas dos sonhos (as pulsões inconscientes). Esses arquétipos fundamentais se originam na mente, de forma misteriosa, mas é compreensível que muitos de seus elementos precipitem do inconsciente, por meio da lembrança e intersubjetividade. Todavia, Bachelard (1991) reconhece que, na circunstância do devaneio, antes mesmo do efeito de ressonância da imagem (seja pela percepção, seja pela propagação artística), um correlativo à mesma já se encontra no inconsciente do Ser imaginante (na alma). Para Bachelard, a imagem já se faz de antemão no inconsciente imaginativo do homem. Porém, a imagem interna não é a mesma encontrada nas circunstâncias sensíveis e conscientes, mas a sua correspondência faz com

que a imagem inconsciente sofra uma sublimação (ou ascensão) ao consciente, precipitando (de dentro para fora) sobre nosso estado de vigília. Trazida à consciência pela própria potência dos estímulos da imagem exterior, a imagem onírica (interior) do ser imaginante (o homem) sofre ganhos táteis e passa a confrontar as imagens percebidas, isto é, iluminadas pela consciência junto à dimensão externa. Tal confronto, luta ou jogo entre imagens internas e externas, abre a possibilidade para o surgimento de uma nova (ou outra) imagem.

Segundo Bachelard (2003), como lemos em *A poética do espaço*, o que está em jogo no súbito minuto do ato poético não é exatamente a percepção material, pois esta, antes mesmo de repercutir as potencialidades racionais do espírito (intelecto), ou mesmo a capacidade empírica ou sensível do corpo, impacta, com grande intensidade os impulsos mais profundos da alma. Assim, a imagem poética escapa das causalidades lógicas, ou mesmo sensíveis, sendo sempre uma criação circunstancial, única e inédita (jovial). É nesse sentido que Bachelard (2003) afirma que a imagem poética é livre em sua essência, não possuindo passado, ou histórico de causalidades.

Mesmo sem corresponder à onírica primitividade imagética de Bachelard, Dardel (2011) partilha com o filósofo a compreensão do súbito e livre vir-a-ser da imagem. O geógrafo atribui à paisagem o potencial de constante desdobramento e arrojo, um impulso para o novo, um horizonte de possibilidades à cumplicidade entre homem e terra. O habitar humano no lugar, assim como seu combate pela vida, junto e contra a terra (habitar e construir), faz da paisagem uma dimensão para além do contemplar. Por isso, tanto em Dardel quanto em Bachelard (1990), o vir-a-ser da paisagem e da imagem poética se configura como a inquietude, o dinamismo da vontade e o descontentamento do homem junto ao Ser. Logo, o horizonte da paisagem se configura, mutuamente nos autores, enquanto alhures, o ser-noutro-lugar, o ser-mais, o movimento criativo para o além-do-ser, o ser que se faz outro e eternamente novo.

3. BACHELARD E NIETZSCHE: VONTADE DE POTÊNCIA COMO MOTRICIDADE PARA A IMAGINAÇÃO

Como já explorado, a luta entre homem e terra⁵, originalmente constituída na filosofia de Heidegger (2009b), mas também presente em Bachelard e na geografia de Dardel, ocorre, basicamente, em duas dimensões: a da experiência vivida e do pensamento. Assim como no jogo de ressonância e repercussão, as tais dimensões não podem ser concebidas segregadamente, já que sua comunhão resulta na condição de mútua existência entre terra e homem.

Nessa perspectiva, a ação humana junto e sobre a terra só é possível devido às impulsões da imaginação e do pensamento, sendo que ambos necessitam das ressonâncias e respostas do vivido para se renovar em um eterno vir-a-ser-mais. Tanto a luta na dimensão do vivido (presente em Heidegger e Dardel) quanto o jogo comunicativo, no âmbito da imagem (presente em Bachelard), são, a nosso ver, fenômenos animados ou dinamizados por uma troca de caráter quântico, constituído por forças, ora díspares, ora ambivalentes, que ao mesmo tempo se comungam, se resistem mutuamente e se contradizem.

Em nossa interpretação, a motricidade que promove a luta de imagem com imagem, imagem com efetividade e efetividade com efetividade, visíveis nas propostas de Dardel e Bachelard, juntamente com o embate sombra-terra *versus* mundo-luz de Heidegger, está intimamente vinculada ao uso do termo *vontade*. Para Bachelard (1991), a vontade é o impulso que mobiliza o que ele entende por substância, que alimenta sua dinâmica correspondente, ilumina e comunica os sentidos e as imagens associadas à dimensão do real. A vontade, enquanto vibração que dá vida à dinâmica da imagem, também se fez força motriz para o jogo de luz e sombra e para o ímpeto do habitar ocorrente na geografia existencial de Dardel (2011), inspirada pela fenomenologia heideggeriana.

A clarividência do papel da vontade, nas fenomenologias de Dardel e Bachelard, não se apresenta (por nossa parte) enquanto imposição interpretativa. A presença da vontade, em Dardel e Bachelard, é uma constatação intertextual, todavia, a sua origem não expressa clara nitidez, o que

também faz de nosso empreendimento investigativo um esforço de desencobrimento e compreensão. Na trajetória da Filosofia, a vontade surge, enquanto tema, a partir de variadas fontes. Para Araújo (2003), ela principia nos movimentos arcaicos – pré-socráticos –, a exemplo dos poemas de Hesíodo, mas ganha peso nas lições de Platão e Aristóteles, retornando, com muita potência e arrojo, na Filosofia Iluminista dos séculos XVII e XVIII, com destaque para os campos da política (contratualismo), da moral, da escola romântica e da filosofia da natureza.

Em nossa compreensão, com base em algumas obras de Bachelard (1990, 1991, 2001, 2003), é possível sinalizar três prováveis sendas fundamentais para o acolhimento do sentido de vontade, em seu pensamento. A primeira e mais visível delas está em sua inspiração poética e filosófica, advinda dos movimentos românticos que influenciaram a literatura alemã e francesa (uma fonte de inspiração comum também a Heidegger e Dardel). Segundo Araújo (2003), poetas e pensadores dessa cena criativa traziam, em suas imagens filosóficas e literárias, a potência representativa da vontade, em Wolfgang von Goethe, vontade esta que tinha na forma e em sua respectiva contemplação a apreensão quântica da substância. Já a segunda referência sobre a vontade, em Bachelard (1991), possivelmente adveio da filosofia de Arthur Schopenhauer. Em *A terra e os devaneios da vontade*, o filósofo francês entende que a vontade schopenhaueriana não era apenas representação relativa à ação ou emanção quântica da matéria (como pensado por Goethe), contudo, como nos esclarece Roberto Machado (2006), a própria coisa-em-si, ou seja, o Ser em sua essência. Para acessar a verdade, Schopenhauer, segundo Machado, admite a possibilidade de uma intuição pura, a qual não se remete às faculdades imanentes (sensibilidade) do humano, tão pouco à racionalidade. É certo que tal intuição pura se encaixa em uma espécie de pensar, porém, avesso à natureza racional, o que só pode fazer mais sentindo à primitividade onírica da imaginação bachelardiana: o sonho que eclode das profundezas da alma (inconsciente). Por outro lado, diferentemente de Bachelard, Schopenhauer não vê serventia alguma na experiência vivida e no sentir em relação ao mundo concreto, pois este, em concordância com a tradição, nada mais é do que engano ou ilusão, fruto da objetivação embusteira de uma vontade suprema.

Mesmo que a vontade de Schopenhauer corresponda, de forma aproximada, à imaginação bachelardiana, o conceito só corresponde a fragmentos de sua dimensão ideal, já que o fenômeno da imagem referente às substâncias é, para o filósofo alemão, somente representação ilusória do mundo e objetivação advinda do Ser, a vontade superior, a saber, a coisa-em-si, una, absoluta, eterna, indivisível e puramente transcendente. Em nosso entendimento, mesmo que Bachelard tenha se inspirado, poeticamente, nas imagens da emanção estética da vontade goethiana e da repercussão ideal e representativa da vontade schopenhaueriana, foi na vontade de potência, pensada por Nietzsche (2011), que o filósofo francês encontrou sua mais correlata influência e suporte, não apenas pela análise da forma como tal termo aparece na obra de Bachelard, mas também pela atenção específica que ele dá a Nietzsche, sobretudo em *O ar e os sonhos* (BACHELARD, 1990).

Segundo Scarlett Marton (2010b), Nietzsche, em sua fase autônoma de pensamento, entendia a efetividade do mundo concreto (o que a autora nomeia por *cosmo*) enquanto uma luta (conflito) incessante entre múltiplas forças (impulsos) que querem prevalecer em domínio uma sobre as outras, consolidando um movimento que caracteriza a natureza existencial do pensamento maduro de Nietzsche, isto é, a constituição de sua cosmologia, o caráter mais edificante de seu pensamento. Nessa perspectiva, a vontade, que corriqueiramente é apontada na tradição como virtude exclusiva do homem, se impõe na filosofia de Nietzsche (2011), especialmente a partir de *A Gaia Ciência*, enquanto força múltipla, dinâmica e fundamental que caracteriza o ente em sua profundidade e totalidade. Tal preocupação primordial com o ente foi frisada e reforçada por Heidegger (2010), em seus escritos acerca das ideias centrais da filosofia nietzschiana.

Para Marton (2010a), a vontade em Nietzsche está presente e é, de forma direta, todo o *cosmo*, principalmente e originalmente na imanência das coisas da terra. Relativamente semelhante a Schopenhauer (seu antigo inspirador), Nietzsche (2009, 2011), na fase mais livre e consolidada de sua obra, também abre a possibilidade de compreender a vontade enquanto ideia e pensamento. Mas,

de modo muito particular, a ideia, para Nietzsche (2009), é um impulso que advém do homem, todavia, de um homem que, em primeiro lugar, deve ser concebido como corpo, no sentido mais visceral que se possa ter. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (2011) aponta o corpo como um ente pensante, a razão maior, mais imediata e confiável do homem, um ponto de partida para qualquer uma de suas ações, dentre as quais o filosofar. Porém, esse corpo, para exercer sua plena virtude sensível e pensante, deve se encontrar em fidelidade (em proximidade) com a terra, atento aos seus impulsos, aterrado existencialmente na efetividade do mundo. Dessa feita, corpo e terra constituem um mesmo. Só na condição de aterramento o corpo pode atingir o estado de excitação ou embriaguez (estado estético) que o capacita a sentir e pensar (conjuntamente) os impulsos vitais da realidade e as experiências que a vida oferece.

Desse modo, o homem enquanto corpo se revela um ente capaz de pensar e criar ideias junto à existência, não por sua extraordinária faculdade inteligível, transcendente ou mesmo espiritual, mas (primeiro) por sua condição corpórea e concreta (sua condição fundamental). Assim, Nietzsche (2009, 2011, 2012) coloca homem e vontade em cumplicidade direta com a terra, com a efetividade fática e com as coisas e impulsos do mundo (*cosmo*). Conforme Marton (2010a), a vontade, na perspectiva de Nietzsche (2009, 2011), enquanto vontade de potência, é a consequência decisiva e impulsiva que emerge da multiplicidade conflituosa das forças constituintes do *cosmo*, o qual, por sua vez, é mundo, terra, corpo e também ser humano.

De maneira oposta ao seu antigo mestre Schopenhauer, Nietzsche (2009, 2011, 2012), na fase de consolidação de sua obra, se atém à refutação de uma vontade suprema que opera, objetivamente, como princípio metafísico e suporte causal da realidade. Em sua total liberdade de pensamento, o mundo concreto não é mais entendido como representação objetiva e imperfeita de um Ser superior e absoluto, mas a única realidade possível, não havendo lugar para um plano *além-mundo* (mundo ideal e transcendente). Representar esse mundo real, bem como o sentimento e o pensamento que emanam de sua relação com o homem, é um atributo da arte, que, para Nietzsche (2009, 2011), é a forma mais aproximada da verdade.

Desperto, o homem atento às potências da vontade da terra, assim como sensível às respostas e sintomas de sua própria vontade (de seu corpo), transforma todo o impulso de vida em arte (*fazer* – em sentido grego). A arte, para um Nietzsche (2005) pós *O Nascimento da Tragédia*⁶, é o feito, o comando decisivo, o ato transfigurador de uma vontade aterrada, o grande estilo sinalizado por Heidegger (2010), que tanto se desdobra em um construir material sobre a terra como também se desdobra em pensamento corpóreo, avaliação, valoração, proposição e poesia.

A ação da vontade humana, em Nietzsche (2011), coaduna com alguns elementos da gênese imaginativa de Bachelard (1991). Ao afirmar que a imagem surge e é sentida, em primeira instância, na inconsciência, ou seja, na sensibilidade transmitida à alma (e não na racionalidade e consciência do espírito), o filósofo francês expõe certa compatibilidade de seu metapsiquismo aos princípios do pensar-sentindo nietzschiano. De acordo com Nietzsche (2009), o homem só é verdadeiramente capaz de compreender e agir na realidade, mediante o seu retorno em proximidade com a terra e em afinidade com o próprio corpo. O corpo, para o filósofo alemão, além da concretude que corresponde à dimensão sensível e real do homem, é também a dimensão mais direta do inconsciente, do instinto e do querer efetivar-se. Para Nietzsche (2011), o inconsciente, que é o próprio corpo e o que nele habita, como a alma em Bachelard, é perfeitamente capaz de pensar em profundidade e construir imagens e valores (ou ideia), sem fazer uso do racionalismo convencional. Segundo os filósofos, corpo e alma se confundem enquanto um si mesmo, essência e virtude maior do homem. É por meio desse corpo que o humano pode realizar o conhecimento acerca das coisas do mundo, com maior legitimidade e confiança.

Essas proximidades entre Nietzsche e Bachelard se reforçam na leitura do próprio Bachelard de *Assim falou Zaratustra* e *Ditirambos de Dioniso*. Em *Ar e os sonhos*, Bachelard (1990) reconhece em Nietzsche o gênio e o *poeta ascensional*. Segundo o filósofo francês, as imagens que anunciam o pensamento nietzschiano se valem, como em toda grande filosofia, das quatro leis dos elementos da

imaginação (Fogo, Terra, Água e Ar). Entretanto, é na *imagem aérea* que Nietzsche fundamenta a potência maior de sua poética e pensamento.

Na interpretação de Bachelard (1990), terra e água são elementos que aprisionam (ou fixam) e afundam (ou afogam) as inclinações poéticas da vontade. O fogo e, mais intensamente, o ar são imagens que favorecem o dinamismo e a liberdade de querer, pensar e agir, os quais qualificam, verdadeiramente, o *corpus* nietzschiano. Conforme Bachelard, em Nietzsche, o ar (superior ao fogo) é a substância mais autônoma, livre, fluida, contingente e que mais se desvencilha (mas não se aparta) da concretude telúrica. O ar é o fundamento da arte imaginativa, pois, em sua dimensão, tal elemento desconhece limites, interpenetra todos os espaços e convida sempre ao voo criativo (a ascensão) do ir-além, do devir e do vir-a-ser-outro (novo, diferente).

Bachelard nomeou a poética filosófica de Nietzsche de psiquismo ascensional principalmente por encontrar intimidade entre a imagem do voo e o propósito de além-do-homem (ou super-homem), tão central na madura proposta nietzschiana. Mesmo que a imagem aérea tenha oficialmente sinalizado uma aproximação particular entre Nietzsche e Bachelard, em nossa visão, ela evidencia uma potência central na filosofia dos dois autores, a saber: o princípio dinâmico e transformador da valoração, da palavra que qualifica o ente na totalidade. Em Bachelard, a força que emana e põe em conflito imagem e substância, em busca do alhures (o ser-outro), do ser-mais e da transformação eterna da imagem, é íntima à perspectiva cosmológica de Nietzsche (2011).

Como frisado por Marton (2011), a cosmologia nietzschiana, fundamentada na luta entre múltiplas forças (impulsos) que eternamente buscam um vir-a-ser-mais-forte, é caminho para que a vontade humana se revele como jovialidade (ciência que busca sempre conhecer o novo – alhures) como ato valorativo e de interpretação renovada do mundo. Para Nietzsche (2009), a jovialidade corresponde ao olhar temporal dos gregos, o qual favorecia o ato de esquecer os eventos ocorridos outrora, para sempre se deparar com o presente, como se fosse sempre uma primeira vez, uma eterna novidade. Tal princípio corresponde à liberdade e ao vir-a-ser da imagem poética de Bachelard, a inquietude do Ser, ou o Ser-outro (alhures – diferença), presentes na inquietude do homem diante das essências do mundo.

De acordo com Bachelard (1990), Nietzsche se fez um poeta e pensador do ar, em parte, devido às circunstâncias de sua própria vida, atuação docente e produção filosófica. Para o filósofo francês, Nietzsche, apesar de conhecer e vivenciar as planícies europeias de países como França, Alemanha e Itália, preferia as alturas das montanhas. Lecionou Filologia Clássica na Universidade da Basiléia (Suíça) e, após abandonar a docência, por motivos de saúde, se hospedava frequentemente nos albergues alpinos de Sils-Maria, onde preferia caminhar e se recolher para pensar e escrever suas obras mais impactantes. Nas alturas, a dois mil metros acima do nível do mar, Nietzsche conseguia se afastar das relações cotidianas (família, amigos, trabalho) e usufruir da solidão necessária para o pensamento livre e profundo. Provável sifilítico, Nietzsche, segundo Gros (2010), encontrou nas cordilheiras frias da Europa o ambiente mais aprazível e terapêutico para fugir dos períodos de forte calor, da umidade das planícies, e lidar melhor com os sintomas de sua doença. No entanto, a vivência nas alturas não forjou em Nietzsche um alienado do mundo, um filósofo contemplativo, estritamente metafísico, distante da materialidade e da vida. Muito pelo contrário. Em sua reclusão errante e solitária, Nietzsche pôde pensar sobre os temas mais pertinentes de seu tempo, como o niilismo moderno, o fortalecimento das ciências positivas, as inovações no campo das artes, a crise moral, política e cultural da Europa.

Bachelard (1990) afirma que Nietzsche, a despeito de viver grande parte de sua última fase produtiva nos Alpes, não era um alpinista, ou aventureiro-explorador, o que, supostamente, o fez um filósofo relativamente distante do telúrico e do rochoso. Contrariamente, Gros (2010) argumenta que Nietzsche era essencialmente um poeta-andarilho, um caminhante vigoroso e compulsivo, o qual se prolongava por mais de oito, às vezes dez horas de passeio por dia. Caminhar sozinho e por inúmeras trilhas, em meio às montanhas, ilhas, vales, falésias e bosques era, na verdade, a terapia mais eficaz e a experiência mais rica do filósofo. Passear o afastava das indisposições, dores e náuseas provocadas

por seu estado enfermo e, além disso, era a fonte circunstancial mais potente de sua criação poética e filosófica, a condição básica para as suas obras finais. Quando lhe faltava inspiração, Nietzsche abria mão da comodidade e procurava pensar e rabiscar ideias na companhia do mundo, em intimidade com a terra, em movimento e ao ar livre, como na imagem de seu Zaratustra, um eremita a pensar e escrever “com os pés” (GROS, 2010, p. 28).

Em vista disso, como na leitura de Bachelard (1990), Nietzsche pode até ser interpretado pela imagem do poeta que tem o ar como destino. O ar, de fato, nos dá a ideia não só de ir-além e elevação do pensamento (primordial para o sentido de além-do-homem), como também de uma fluidez e contingência, correspondentes ao movimento intempestivo e imponderável do devir. Porém, em desacordo com Bachelard e em afinidade com Gros, compreendemos que, para Nietzsche (2009, 2011, 2012), a terra é um elemento primordial, originário, fundante e que se revela enquanto o corpo ou coisa mais indispensável, se comparado ao sentido aéreo de Bachelard, que é visto como distinto do sentido telúrico. A terra, em Nietzsche (2009), é o alicerce de toda a efetividade e de todo o conhecimento. No entanto, como alicerce, ela também traz consigo a natureza e a dinâmica do sentido aéreo, ou seja, a terra é, originariamente, o fundo para a contingência, a mudança e a imponderabilidade que marcam a natureza de tudo.

Como anunciado em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (2011) entende o sentido da própria terra como elevação, superação, ir-além-de-si-mesmo, isto é, a efetivação da vontade de potência. É na terra que Nietzsche aponta a base para os todos os nossos paços, a vertente que lhe assegura a escalada aos picos mais altos, o chão para os movimentos iniciais de um salto e a plataforma fundamental para alçar o voo derradeiro. Portanto, o pensamento ascensional nietzschiano é o próprio sentido da terra. Um pensamento que só se estabeleceu devido aos impulsos telúricos, ao rés do chão, o que também fez de Nietzsche um pensador, poeta e profundo conhecedor do telúrico e do rochoso. Tal revelação se faz nítida, se considerarmos inclusive a vida do próprio autor, sua transumância dos Alpes ao Mediterrâneo, o caráter errante e experimental que marcou por anos as últimas fases produtivas de Nietzsche (MARTON, 2010a; GROS 2010; D’IORIO, 2014). Segundo Marton (2010a), em tal fase de sua vida, Nietzsche foi abandonando, progressivamente, a bibliofilia e passou a filosofar mediante sua relação experiencial e corpórea, junto à efetividade concreta da vida, em meio à natureza, às mais distintas paisagens, culturas e arquiteturas.

Conforme Heidegger (2010), foi em meio a uma de suas longas e demoradas caminhadas em Sils-Maria, diante da espetacular paisagem da Alta Engadina, formada por límpido céu, vales, florestas e montanhas gélidas, que Nietzsche (2008) acolheu a chegada de uma ideia que marcaria, profundamente, o destino final de sua filosofia: a doutrina do eterno retorno do mesmo, o peso mais pesado de seu pensamento. Esta é uma noção de tempo-espaco, um devir da vontade de potência que o próprio Nietzsche (2011) anunciou, em seus escritos.

O sentido do eterno retorno é um elemento trivial trazido à tona pela cosmologia nietzschiana. Trata-se de uma ciclicidade entre forças que, de certa forma, possibilita o combate (luta), eterno, sem causa e sem finalidade, que constrói e reconstrói a terra, assim como todo o cosmo. O movimento dessa ciclicidade subsiste de si mesmo e torna tudo transitório e, ao mesmo tempo, eterno. Marton (2010) assinala que a impressão de repetição histórica, provocada pela noção de eterno retorno do mesmo, é, no entanto, ilusória. Não são os fatos ou os fenômenos, em si, que retornam, exatamente iguais – como já sucederam antes – mas as forças que os impulsionam é que regressam, devido às alternâncias constantes de suas hegemonias sobre o mundo. Portanto, as forças que hoje engendram e destroem a realidade cedem lugar à ação de outras distintas, as quais, outrora, já foram hegemônicas. Porém, as primeiras forças mencionadas – que foram há pouco superadas – retornaram novamente em domínio, contudo, em um novo contexto, outro momento e instante, semelhante, mas nunca exatamente igual ao que já foi.

Todo esse entendimento da dinâmica do eterno retorno nos possibilita pensar o sentido do próprio devir como perpétua diferença, contingência e alhures. Essa deviniência do eterno retorno também coaduna com o sentido do que Nietzsche (2011), em *Assim falou Zaratustra*, anuncia por

terra, a saber, uma luta constante entre forças (vontades de potência) que busca sempre mais potência, um vir-a-ser-mais, ser-outro, um ir-além-de-si que também correspondente ao sentido de além-do-homem. Nesse entendimento, o eterno retorno do mesmo é o princípio que fundamenta a proposta nietzschiana de uma ciência jovial (Gaia Ciência), assim como a influência presente na liberdade da imagem poética de Bachelard, na luta perpétua entre terra e homem proposta por Dardel e no incessante jogo de encobrimento (sombra) e desencobrimento (luz) que fundamenta a ciência existencial de Heidegger.

4. DARDEL E A VONTADE DE POTÊNCIA ENQUANTO FUNDAMENTO

Em suas reveladas leituras e citações de Bachelard, Dardel (2011) reafirma e reconhece em Nietzsche o poder de seu psiquismo ascensional. Por outro lado, o geógrafo, explorando a caracterização aérea de Bachelard sobre Nietzsche, também foi capaz de trazer as imagens aéreas, relacionadas à montanha, para uma intimidade paralela com o espaço telúrico. Para Dardel (2011), a montanha, em Nietzsche (a morada e refúgio de Zaratustra), representa o cerne do que Bachelard (1990) define por filosofia vertical, pois ela funde altura e abismo, luz e sombra, céu e terra, homem e meio em uma mesma dinâmica imaginativa. Um movimento anelar de aprofundamento e subida dolorosa, desafiadora, todavia, que também anuncia a ascensão do homem junto à luz, à clareira (a lareira - *ágora*) que revela o sentido de existência junto à terra e os caminhos para a superação.

Heidegger (2010) também iluminou uma imagem muito aproximada da dinâmica vertical da montanha de Zaratustra. Para ele, a montanha, em Nietzsche, faz alusão ao peso mais pesado de sua filosofia, o pensamento do eterno retorno do mesmo. De acordo com Heidegger, ao subir a montanha, o homem, na altura e instante em que se encontra, se abre à angústia de sua circunstância. Ao olhar para baixo, aquele que desafia o rochedo vislumbra o passado, assim como o risco de queda e perecimento diante das profundezas da escuridão do abismo. Ao olhar para cima, o mesmo encontra a iluminação, a revelação do pico – o horizonte aberto para a revelação, superação, o futuro e o novo – o cimo onde repousa a palavra e o desvelamento do Ser.

É preciso reconhecer que, na obra *O Homem e a Terra*, Dardel, por literal influência de Bachelard, deixa transparecer um juízo superficialmente aversivo⁷ da poesia filosófica de Nietzsche, definindo-a como fria, dura e cruel, caráter que o geógrafo supõe ser o espelho moral do próprio autor. Talvez, por esse detalhe, Dardel não tenha escolhido cumprir, em *O Homem e a Terra*, uma incursão mais declarada e direta ao pensamento do filósofo de *A Gaia Ciência*. Não obstante, é inegável para nós que o pensamento poético de Nietzsche corresponda, em primeiro lugar e de maneira mais direta, ao conjunto de imagens que anunciam algumas das qualidades centrais dos espaços aéreos e telúricos da geograficidade de Dardel. “Mas o frio não é sempre hostil ao homem: ele estimula a energia, é o ar vivificante dos cumes” (DARDEL, 2011, p. 24).

Ao maravilhamento de Hölderlin se opõe a vontade de Nietzsche, áspera e dura como um desafio: “*Uma vereda que subo com insolência, uma vereda má e solitária, uma vereda de montanha criada sob o desafio dos meus passos*”⁸. Nosso século multiplicou os meios de satisfazer essa necessidade agressiva de se medir o espaço telúrico, as arestas e os cimos, os pendentes nevados e as geleiras. O alpinismo não é somente um esporte levado às vezes até a temeridade. Ele é também, nessa mesma paixão um conhecimento interior a ação, um conhecer pelo agir, uma *apreensão da Terra* como espaço telúrico, através do esforço, da conquista e do perigo (DARDEL, 2011, p. 17, grifo nosso).

É interessante o modo pelo qual Dardel, mesmo ciente dos apontamentos de Bachelard a respeito da primazia do caráter aéreo de Nietzsche, bem como de sua suposta incompatibilidade com o arquétipo de alpinista, se apropria desse fragmento do aforismo nietzschiano sobre a angústia da escalada, a fim de realçar um modo peculiar de conhecimento geográfico. Uma geografia telúrica que

se faz em ato, na escalada, na aventura, no entusiasmo, na paixão, na dificuldade em superar os riscos e o medo de subir a montanha. Um conhecer que toma nuance de uma verdadeira luta e diálogo contra as vertentes, abismos e desfiladeiros, para alcançar os cimos e assim desvendar a terra. Nessa ótica, Nietzsche, mesmo lido por um lado moralmente pessimista, se faz, na hermenêutica de Dardel, não só um alpinista, mas pensador da terra e, por que não, geógrafo.

Mediante uma possível leitura direta a Nietzsche, além de sua forte e já explorada influência na fenomenologia da imaginação bachelardiana, Dardel acabou absorvendo, de forma não explícita em *O Homem e a Terra* (como se fosse um segredo), elementos fundamentais do conceito de vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Cabe aqui retomar que a filosofia de Nietzsche é fonte inspiradora do reconhecimento da vontade como a força que potencializa o dinamismo da imaginação, em Bachelard. Ela também pode ser concebida, em Dardel, como o estímulo ou *quantum* que dá vida às forças em luta na terra, duelo que se desdobra no jogo de encobrimento e desvelamento do ser-no-mundo (embate luz e sombra), isto é, na relação existencial entre terra e homem, presente também em Heidegger.

Como já apontamos, Dardel (2011) entende a terra enquanto facticidade, totalidade viva, dinâmica, dotada de impulso (força) e vontade. A efetividade da terra (espaços telúricos aquáticos, aéreos e construídos) se apresenta à liberdade humana enquanto obstáculo, estímulo, limites e possibilidades. Desse modo, a partir da efetividade, as forças que mobilizam a terra também nos afetam, exigindo de nossos sentidos e intuição a capacidade de dominar, transformar e valorar a terra, destacando suas qualidades e explorando seus recursos. Trata-se de uma espécie de luta (*agon*) entre forças, uma convocatória ou chamado (apelo), o qual também impele no homem o dinamismo e a atuação de sua “vontade de poder” (DARDEL, 2011, p. 1) ou “vontade de potência” (DARDEL, 2011, p. 92).

Depois da Idade Média e de sua inquietude metafísica, ao final do humanismo atento aos problemas psicológicos, morais e políticos do Homem, o mundo ocidental volta-se para a Terra, o Espaço e a Matéria. Sua *vontade de poder*, impaciente em se instalar nas dimensões do mundo exterior, se apodera do universo pela *medição*, o *cálculo* e a *análise* (DARDEL, 2011, p. 01, grifo nosso).

No momento em que se propaga por todo o lado essa raça de homens que reduzem o espaço a um objeto, a Terra em uma matéria-prima ou em fonte de energia industrial, que dispõe de tudo e mesmo da vida humana soberanamente, é necessário admitir que essa energia secreta que erige o homem de hoje sobre sua própria liberdade não difere essencialmente de uma *vontade de potência*, segura de toda força de seu poder-ser e muito permeável à paixão (DARDEL, 2011, p. 92, grifo nosso).

Curiosamente, nessas passagens, Dardel faz questão de utilizar a “vontade”, pelo viés do empreendimento nietzschiano, em seu sentido niilista (vontade de verdade objetiva) – “medição”, “cálculo”, “análise” – porém, também há passagem em que o seu sentido afirmativo-primitivo, “vontade intrépida de correr o mundo”, é anunciado (DARDEL, 2011, p. 1):

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma *vontade intrépida* de correr o mundo de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (DARDEL, 2011, p. 1, grifo nosso).

Em seu sentido afirmativo, a vontade de poder, enquanto vontade intrépida de correr o mundo, que em si corresponde à Geografia em ato (a geografia heroica ou das velas desfraldadas), revela uma possível correspondência com a filosofia em ato nietzschiana, um pensar motivado pela

proximidade (fidelidade) do homem junto com a terra, que funda os sentidos greco-arcaico e renascentista de Ciência que Nietzsche (2009) tanto recomendava. Em nosso entendimento, a geograficidade, portanto, comunga com a Gaia Ciência um saber volitivo, interessado, sincero, movido pelo querer saber, descobrir e conquistar.

Em seu sentido niilista, a vontade geométrica de medir, calcular e analisar a terra corresponde à vontade de verdade que Nietzsche condena e que se faz resistente, entre os positivistas e adeptos da tradição. Essa vontade de verdade também se faz potente, porém, age desinteressadamente e destrutivamente, desconsiderando e aniquilando a multiplicidade do jogo de forças. A vontade geométrica de verdade pretende apaziguar os conflitos entre as forças antagônicas do *cosmo*, pois deseja cristalizar apenas um sentido dominante, a razão enquanto medida de homem e mundo. Nesse desejo de apaziguamento, a razão rejeita toda a multiplicidade de perspectivas sobre a terra, assentando um saber, uma Ciência e uma Filosofia ascética, universal e objetiva.

Essa influência nietzschiana em Dardel, no que se refere ao sentido de forças em luta, à vontade e ao seu papel na dinâmica da imagem e da própria terra, se deve, em parte e expressamente, às leituras diretas da filosofia de Bachelard, feitas pelo geógrafo. Porém, Dardel teria reforçado algumas dessas mesmas influências, além de outras, como o sentido de verdade, trágico e terra, a partir de suas leituras de Heidegger, sendo que esse último foi um dos maiores e mais profundos conhecedores do pensamento de Nietzsche.

Desse modo, nossa tese reforça que a geograficidade na obra de Dardel, assim como sua leitura do caráter da realidade geográfica, apresenta fortes sinais de influência nietzschiana. Sua afirmação de uma terra, a qual, em si mesma e em sua relação com o humano, se manifesta em uma dinâmica conflituosa, marcada pela ideia de forças em luta, revelando aproximações com as bases da cosmologia de Nietzsche. Tanto a relação concreta, de edificação do espaço geográfico, quanto a relação interpretativa de conhecer, dar tonalidades e sentidos humanos aos apelos e dizeres da terra estão igualmente sinalizadas por essa imagem do campo de forças, uma influência nietzschiana de nítida tonalidade bachelardiana, assim como heideggeriana. O termo *vontade de potência*, posto com menos intensidade no seu sentido afirmativo do que negativo, expressa, porém, uma inspiração de natureza ambígua ou antagônica, a qual pende mais para uma condenação do filósofo do que uma exaltação. Todavia, os termos estão lá expressos como o filósofo usaria, o que indica, ao menos, um entendimento a sua obra.

Destacamos, por fim, que a terra de Dardel traz fortes elementos da terra-cosmo de Nietzsche. Na visão dos dois pensadores, a maneira mais vigorosa e esclarecedora de uma interação entre esses componentes da realidade geográfica (homem e terra) também se aproxima. A imanência e a imaginação (ou pensamento) decorrente da primeira revelam-se, tanto para o filósofo quanto para o geógrafo, um pondo de partida fundante para uma nova ciência, seja ela a Geografia em ato, seja a jovialidade de uma Gaia Ciência.

Há, portanto, outros segredos entre Nietzsche e Dardel a serem desvelados em *O Homem e a Terra*, pela leitura a outros fenomenólogos e hermeneutas (alguns deles leitores de Nietzsche), como Paul Ricouer, Emmanuel Lévinas, Karl Jaspers ou Maurice Merleau-Ponty.

De outro lado, há de se investigar, de forma mais ampla, o conjunto da obra de Dardel, que era tanto geógrafo quanto historiador, como é possível perceber em seu livro *L'Histoire, science du concret* (DARDEL, 1946). Publicado na mesma coleção que *O Homem e a terra*, pode ser compreendido como a contraparte do pensamento do autor, no qual defende uma história filosófica fundada no pensamento existencialista, muito na trilha de Heidegger. Os dois livros remetem-se e guardam entre si basicamente o mesmo referencial filosófico, o que indica não apenas uma complementaridade, mas a necessidade de mútua consulta para compreendermos a proposta de Dardel, de um modo mais amplo.

Embora o historiador José Carlos Reis (2009) aponte que o Dardel historiador seguiu sendas abertas por Kierkegaard e Nietzsche, deste último o destaque se dá, especificamente, na reflexão da noção de tempo. Em *L'Historire, science du concret*, Dardel (1946) cita Nietzsche apenas duas vezes

(embora não indique a fonte). Em ambas as ocasiões, o geógrafo-historiador problematiza o sentido de tempo ou de história. No entanto, a ausência de uma discussão específica sobre o pensamento do filósofo não elimina sua presença, entrelaçada intertextualmente, assim como foi feito em *O Homem e a Terra*.

Não seria surpreendente, por conseguinte, encontrar na reflexão dardeliana na História, ideias centrais da filosofia de Nietzsche, como vontade de potência e eterno retorno do mesmo, embora mediados por outros autores. A investigação de tal obra será de extrema importância para os próximos passos de nossa escavação epistêmica das influências nietzschianas em Dardel.

De qualquer forma, fica evidente que Dardel trouxe, em primeira mão, elementos fundamentais da filosofia nietzschiana para a Geografia, sobretudo por sua leitura de Bachelard (assim como de Heidegger, de modo oculto). A compreensão de tal recepção abre possibilidades, não só para explorar mais a fundo a presença nietzschiana nos demais trabalhos desse geógrafo, como a oportunidade (ou estímulo) de explorar, em Nietzsche, outros fundamentos e segredos, quer para a geografia fenomenológico-existencial, de forma mais específica, quer para o conjunto do pensamento geográfico.

De outro lado, a multiplicidade do texto dardeliano e os desafios de sua leitura apontam para a necessidade de renovar as possibilidades de compreensão das obras geográficas. É necessário um esforço hermenêutico que dê atenção não somente às filiações e tradições (pensadas de forma estanque e separadas entre si), mas às múltiplas influências que constituem a própria historicidade da obra e do pensamento.

O principal, em todo caso, não é aquilo que o pensamento de Dardel fez ou propôs: o mais rico está naquilo que, a partir de tais aberturas, podemos pensar e fazer da geografia contemporânea. Nisso, tanto Dardel quanto Bachelard e Nietzsche têm sido autores inspiradores daquilo que ainda pode ser pensado, em termos de geografias possíveis.

NOTAS

¹ *Fundamento*, enquanto sentido heideggeriano do termo se faz aqui muito distinto da proposição metafísica e causal de princípio (origem) absoluto, constante e imóvel, muito vigente na tradição. O fundamento posto aqui se aparenta mais ao sentido filosófico da própria *terra*, presente no pensamento de Heidegger (2009a), isto é, o solo, a fonte em profundidade, o fundo ao qual devemos nos imiscuir, penetrar atentos e rigorosamente para a compreensão do que nos é sinalizado em circunstância. Este fundamento, em última análise, é sem fundo.

² *Inquietude* como um termo muito utilizado por Dardel para se referir ao dinamismo da vontade humana que se faz sempre apreensiva e combativa, diante do dinamismo das potências telúricas.

³ *Oportunidade* e *recusa*, termos que também reforçam uma dinâmica conflituosa, um combate que ora avança, ora regride, no ato interpretativo.

⁴ Referência muito direta ao embate luz-sombra, em Heidegger (2009a).

⁵ Considerando que, na proposta de Heidegger (2009, 2009a), a *terra* é o ente que corresponde diretamente e se presentifica pelo sentido de *sombra*, fundo escuro, abismo, enquanto o termo *homem* é também anunciado pelo sentido de *luz*, o que também se compreende como o seu modo peculiar de ser (modo de existência), isto é, o desvelamento, o desencobrimento, a virtude de retirar a terra das sombras, do abismo, resgatando-a para a iluminação, trazendo-a para os cimos. Nesse ponto de vista, a terra iluminada pelo homem se faz mundo (vasto horizonte de possibilidades), o que também nos possibilita compreender o jogo entre luz e sombra, homem e terra, como o embate entre *terra* e *mundo*.

⁶ *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música* (1872), publicação oficialmente inaugural do esforço filosófico do jovem Nietzsche, que, na circunstância, lecionava Filologia Clássica (grega) na Universidade da Basileia (Suíça). A obra foi elaborada sob a forte e direta influência do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e da reflexão cultural-estética do compositor alemão Richard Wagner (ASTOR, 2013). Poucos anos depois, mais precisamente no contexto da elaboração de *Humano Demasiado Humano: um livro para espíritos livres* (1878), Nietzsche (2005) anuncia, com essa obra, o rompimento com suas antigas referências e uma virada profunda no cerne de seu pensamento.

⁷ “Nietzsche, como mostrou Bachelard, fugia do calor úmido da planície, onde a melancolia espreita as almas fracas, e projetava sua imaginação para um mundo frio, claro, transparente, duro como sua dureza moral, próxima da crueldade” (DARDEL, 2011, p. 24-25).

⁸ Essa porção grifada corresponde a uma passagem, localizada no sexto parágrafo, do aforismo “Da Visão e do Enigma”, de *Assim falou Zaratustra*, escrito por Nietzsche (2011, p. 148) e destacada por Bachelard (1990, p. 150), no quinto capítulo de *Ar e os Sonhos*, intitulado “Nietzsche e o psiquismo ascensional”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de. **Saber sobre os homens, saber sobre as coisas: história e tempo, geografia e espaço, ecologia e natureza**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ASTOR, Dorian. **Nietzsche**. Tradução de Gustavo de Azambuja Feix. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BERQUE, Augustin. **Écoumène: introduction à l'étude des milieux humains**. Paris: Belin, 2009.

BESSE, Jean-Marc. Lire Dardel aujourd'hui. **L'Espace Géographique**, [s. l.], n. 1, p. 43-46, 1988.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência: a partir da obra de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric, **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

CAPALBO, Creusa. Considerações sobre a imaginação em Gaston Bachelard. **Reflexão**, Campinas, n. 62, p. 153-159, 1995.

CESAR, Constança Marcondes. **Bachelard: ciência e poesia**. São Paulo: Paulinas, 1989.

CHOLLIER, Alexandre; WADDELL, Éric. Vers une pensée du monde. In: DARDEL, Éric. **Ecrits d'un monde entier**. Genève: Héros-Limite, 2014. p. 11-27.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. **A ontologia da geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em “Out of Africa”**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da geografia como ciência existencial. **Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)**, [s. l.], v. 11, n. 16, p. 173-200, jul./dez.2015a.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 551-563, 2015b.

DARDEL, Éric. **Histoire, science du concret**. Paris: PUF, 1946.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARDEL, Jacques. Éric Dardel, biographie. In: DARDEL, Éric. **Ecrits d'un monde entier**. Genève: Héros-Limite, p. 28-32, 2014.

D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália**: a viagem que mudou os rumos da filosofia. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FELICIO, Vera Lúcia Gonçalves. **A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos**. São Paulo: EDUSP, 1994.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **A poética d'“O RIO” – ARAGUAIA!** De cheias... & vazantes... à luz da imaginação! 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Bachelard telúrico – uma leitura à luz dos devaneios do repouso. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: AGB, 2010.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O direito de sonhar em geografia – projeção bachelardiana. **Revista da Abordagem Gestáltica: phenomenological studies**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 148 -155, 2016.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. 2. ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2009a.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, p. 141-154, 2011.

LEVY, Bertrand. L'Uomo e la Terra: alcune fonti filosofiche e letterarie. In: COPETA, Clara (cur.). **L'uomo e la terra**: natura dela realta geografica. Milano: Unicopli, 1986. p. 119-127.

LIMA, Jamille Silva. Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. **Geograficidade**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 149-160, 2018.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento da Tragédia**: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, [s. l.], v. 37, p. 81-94, 2012.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: Das forças cósmicas aos valores humanos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010a.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: seus leitores e suas leituras. São Paulo: Barcarolla, 2010b.

MARTON, Scarlett. Da biologia a física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da Natureza. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de *et al.* **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. p. 114-129.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RACINE, Jean-Bernard. La Terra, scrittura da decifrare? Riflessioni critiche sulla pertinenza di una geografia semiotica. In: COPETA, Clara (Cur.). **L'uomo e la terra**: natura dela realta geografica. Milano: Unicopli, 1986. p. 145-163.

REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e o tempo histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SANT'ANA, Catarina. O leitor incluído: a escritura em movimento de Bachelard sob o signo de uma série de polarizações. In: SANT'ANA, Catarina. (Org.). **Gaston Bachelard**: mestre na arte de criar pensar viver. Salvador: Editora da UFBA, 2016. p. 181-200.

SEMERARI, Giuseppe. La filosofia dela geografia di Éric Dardel. In: COPETA, Clara (Cur.). **L'uomo e la terra**: natura dela realta geografica. Milano: Unicopli, 1986. p. 89-94.

Data de submissão: 15.05.2018

Data de aceite: 19.08.2020

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.